

BÁSICO EM ASTROLOGIA

Portal
IDEA
.com.br



ARIES



TAURUS



GEMINI



CANCER



LEO



VIRGO



LIBRA



SCORPIO



SAGITARIUS



CAPRICORNUS



AQUARIUS



PISCES

Fundamentos da Astrologia

História e Origem da Astrologia

A astrologia, hoje frequentemente associada à previsão do futuro e à análise da personalidade, possui uma história milenar profundamente entrelaçada com o desenvolvimento cultural, religioso e científico da humanidade. Suas origens remontam a antigas civilizações como Babilônia, Egito e Grécia, onde foi considerada uma forma sagrada de conhecimento, voltada para a compreensão do cosmos e da vida humana em seu contexto mais amplo. Com o passar do tempo, a astrologia evoluiu, adaptando-se aos paradigmas simbólicos, filosóficos e epistemológicos de cada era.

1. As raízes na Babilônia

A origem documentada mais antiga da astrologia remonta à Mesopotâmia, particularmente à civilização babilônica, por volta de 2000 a.C. Os babilônios foram os primeiros a sistematizar a observação dos corpos celestes com finalidades religiosas, políticas e agrícolas. Os sacerdotes-astrólogos, também chamados de caldeus, observavam o céu com rigor e registravam fenômenos como eclipses, conjunções e aparições planetárias, associando esses eventos a acontecimentos terrenos, como colheitas, guerras ou ascensões ao trono.

Foi nesse contexto que surgiu o conceito de zodíaco, dividido em doze partes iguais, cada uma correspondendo a uma constelação. Embora essas divisões tenham sido inicialmente utilizadas para fins coletivos, como prever o destino de nações ou reis, elas lançaram as bases para a astrologia natal, ou seja, aquela voltada para indivíduos.

2. A contribuição egípcia

No Egito Antigo, a astrologia foi assimilada de maneira diferente, integrando-se à vasta teologia egípcia. Os egípcios, hábeis observadores do céu, usavam o movimento das estrelas e planetas para reger calendários, cerimônias religiosas e atividades cotidianas. A estrela Sirius (Sothis), por exemplo, era especialmente venerada, pois seu surgimento heliacal indicava a cheia do Nilo, evento vital para a agricultura e sobrevivência da população.

Com o passar dos séculos e por meio do contato cultural com a Mesopotâmia e, mais tarde, com a Grécia, os egípcios também começaram a associar signos e planetas a divindades. A astrologia egípcia incorporava um forte componente mitológico e ritualístico, utilizando símbolos como o escaravelho, o olho de Hórus e as constelações visíveis no firmamento noturno como manifestações divinas.

3. A sistematização na Grécia Antiga

Foi na Grécia que a astrologia começou a adquirir uma forma mais filosófica e sistemática, integrando-se ao pensamento lógico e especulativo dos helenos. A partir do século IV a.C., com Alexandre, o Grande, levando a cultura helênica até o Oriente, ocorreu uma intensa troca de saberes entre gregos, egípcios e babilônios. Esse intercâmbio gerou uma versão mais elaborada da astrologia: a astrologia helenística.

Filósofos como Platão e Aristóteles, embora não fossem astrólogos, influenciaram o pensamento astrológico ao conceberem o cosmos como uma estrutura ordenada, regida por princípios harmônicos e hierárquicos. A noção de que o macrocosmo (o universo) se reflete no microcosmo (o ser humano) tornou-se central.

Autores como Claudio Ptolomeu (séc. II d.C.), com sua obra Tetrabiblos, sistematizaram os conhecimentos astrológicos da época, criando fundamentos que perdurariam até a Idade Média. Ptolomeu tratava a astrologia como uma ciência natural, fundamentada na influência causal dos astros sobre o mundo sublunar, e estabeleceu conceitos como os aspectos planetários, as casas astrológicas e a dignidade dos planetas.

4. Astrologia como linguagem simbólica

Apesar de suas raízes nas observações empíricas e sua tentativa de se firmar como ciência, a astrologia nunca foi apenas um instrumento de previsão. Ao longo dos séculos, especialmente com o surgimento da astrologia psicológica no século XX, passou-se a compreendê-la como uma linguagem simbólica.

A astrologia simbólica entende que os astros não causam diretamente os eventos humanos, mas os refletem de maneira arquetípica. Assim como a linguagem dos sonhos na psicanálise, a astrologia oferece um vocabulário simbólico para descrever padrões de comportamento, ciclos existenciais e predisposições psíquicas. Carl Gustav Jung, notável psicólogo suíço, foi um dos intelectuais modernos que mais se interessou pela astrologia, considerando-a um sistema de símbolos capaz de expressar a psique humana de forma profunda e não linear.

Nesse contexto, os signos, planetas e casas não são apenas entidades celestes ou influências cósmicas, mas representações simbólicas de funções psíquicas, etapas de desenvolvimento e experiências existenciais. O mapa astral torna-se, portanto, um espelho simbólico do ser, uma mandala de significado que permite ao indivíduo conhecer-se e orientar-se em sua jornada de vida.

Considerações Finais

A astrologia é uma tradição milenar que transita entre o mítico e o racional, entre o sagrado e o simbólico. Suas raízes em civilizações como Babilônia, Egito e Grécia mostram a busca humana por sentido no cosmos. Compreendê-la como linguagem simbólica é reconhecer sua potência como ferramenta de autoconhecimento, reflexão e compreensão dos ciclos que regem a vida.

Referências Bibliográficas

BARTLETT, Sarah. Astrologia: o guia definitivo do zodíaco. São Paulo: Publifolha, 2006.

JUNG, Carl Gustav. Memórias, sonhos, reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

TARNAS, Richard. Cosmos and Psyche: Intimations of a New World View. New York: Viking, 2006.

CAMPION, Nicholas. A History of Western Astrology. London: Continuum, 2009.

Ptolomeu. Tetrabiblos. Trad. F. E. Robbins. Cambridge: Harvard University Press, 1940.

Portal
IDEA
.com.br

Diferenças entre Astrologia e Astronomia: Uma Abordagem Histórica e Epistemológica

A astrologia e a astronomia, embora compartilhem uma origem comum na observação do céu, seguiram caminhos distintos ao longo da história. Enquanto a astronomia consolidou-se como uma ciência exata, baseada em métodos empíricos e matemáticos, a astrologia permaneceu como uma prática simbólica, muitas vezes classificada como pseudociência. A compreensão clara das diferenças entre essas duas disciplinas é fundamental para evitar equívocos conceituais e para reconhecer os diferentes propósitos que cada uma desempenha na história do conhecimento humano.

1. Origem comum e separação histórica

Na Antiguidade, não havia distinção entre astrologia e astronomia. Ambas faziam parte de um mesmo corpo de saberes ligados à observação dos astros e à crença de que os céus influenciavam diretamente a Terra. Civilizações como os babilônios, egípcios e gregos observaram o movimento dos astros para construir calendários, prever eventos naturais e realizar interpretações simbólicas da realidade.

O termo “astronomia” vem do grego astron (estrela) + nomos (lei), significando “lei das estrelas”. Já “astrologia” deriva de astron + logos (discurso), ou “estudo dos astros”.

Durante séculos, os dois campos eram praticamente inseparáveis: os astrônomos também eram astrólogos, como foi o caso de Ptolomeu, cujo tratado Tetrabiblos aborda astrologia, e de Johannes Kepler, que produzia horóscopos para financiar seus estudos científicos.

A separação mais clara entre as duas disciplinas começou com a Revolução Científica, nos séculos XVI e XVII. Com o advento do método científico e a valorização da experimentação empírica e da racionalidade, a astronomia passou a se destacar como ciência, enquanto a astrologia foi sendo gradualmente marginalizada no campo acadêmico.

2. Astronomia: ciência empírica e observacional

A astronomia moderna é uma ciência que estuda os corpos celestes — como planetas, estrelas, galáxias e buracos negros — e os fenômenos que ocorrem fora da atmosfera da Terra. Utiliza métodos quantitativos, modelos matemáticos e tecnologias de ponta como telescópios, espectrômetros e sondas espaciais para observar, medir e prever fenômenos com base em leis físicas universais.

A astronomia tem subáreas especializadas, como:

Astrofísica – estuda as propriedades físicas dos corpos celestes;

Cosmologia – investiga a origem e estrutura do universo;

Mecânica celeste – analisa os movimentos dos corpos celestes;

Astronomia observacional – coleta dados por meio de instrumentos óticos e digitais.

A principal característica da astronomia é seu rigor científico: seus modelos devem ser testáveis, refutáveis e replicáveis. O conhecimento astronômico é utilizado na exploração espacial, nos sistemas de posicionamento global (GPS), nos satélites meteorológicos e em pesquisas sobre a origem do universo.

3. Astrologia: sistema simbólico e interpretativo

A astrologia, por outro lado, é um sistema de interpretação que propõe correlações entre os movimentos dos astros e os acontecimentos na vida humana. Fundamenta-se na crença de que a posição dos planetas no momento do nascimento de uma pessoa (ou de um evento) reflete sua natureza, tendências e possíveis destinos.

Os principais elementos da astrologia incluem:

Signos do zodíaco – dividem a eclíptica em doze setores com características simbólicas distintas;

Planetas – associados a arquétipos e funções psicológicas;

Casas astrológicas – representam áreas da vida (família, trabalho, relacionamentos, etc.);

Aspectos planetários – ângulos entre planetas que indicam harmonia ou tensão.

Embora os astrólogos utilizem dados astronômicos (como efemérides) para calcular mapas natais com precisão, a interpretação é subjetiva, baseada em simbolismos, tradições e intuições. A astrologia não opera com hipóteses testáveis e não segue critérios de falsificabilidade, razão pela qual não é reconhecida como ciência pela comunidade acadêmica.

Contudo, em tempos recentes, a astrologia tem sido resgatada como ferramenta de autoconhecimento e linguagem simbólica. Psicólogos como Carl Gustav Jung defenderam seu valor arquetípico e sua utilidade como instrumento para a compreensão da psique.

4. Epistemologia e reconhecimento científico

A distinção fundamental entre astrologia e astronomia está no campo epistemológico. Enquanto a astronomia se baseia em provas empíricas, validação por pares e revisão contínua por meio do método científico, a astrologia opera no campo da linguagem simbólica, da intuição e da tradição.

O filósofo da ciência Karl Popper argumentava que uma teoria científica deve ser falsificável — isto é, deve ser possível imaginar uma situação em que ela seja provada falsa. A astrologia, por não se submeter a essa lógica, é geralmente classificada como uma pseudociência.

Entretanto, isso não anula o valor cultural, psicológico e antropológico da astrologia. Em diferentes épocas e culturas, ela ofereceu respostas simbólicas ao desejo humano de encontrar sentido no cosmos e de compreender a si mesmo dentro de uma narrativa maior.

5. Convivência contemporânea e percepção pública

Na sociedade contemporânea, astrologia e astronomia coexistem, mas em domínios distintos. A astronomia atua em universidades, centros de pesquisa e agências espaciais como a NASA, contribuindo para o avanço tecnológico e científico. Já a astrologia encontra espaço em revistas, redes sociais, terapias alternativas e sistemas de crença pessoais, frequentemente relacionada ao bem-estar e à espiritualidade.

A popularidade da astrologia cresceu nas últimas décadas, especialmente entre jovens adultos, muitas vezes como uma forma de linguagem simbólica ou espiritualidade informal, sem vínculos religiosos institucionais.

Importante destacar que muitos astrônomos respeitam a astrologia enquanto fenômeno cultural ou tradição simbólica, embora não a reconheçam como ciência. Por outro lado, a astrologia que respeita os limites éticos, evitando determinismos e absolutismos, pode dialogar com outras áreas do saber humano sem a pretensão de competir com a ciência.

Referências Bibliográficas

CAMPION, Nicholas. Astrology and Cosmology in the World's Religions. New York: NYU Press, 2012.

PINKER, Steven. O Novo Iluminismo: Em defesa da razão, da ciência e do humanismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JUNG, Carl Gustav. Sincronicidade: um princípio de conexões acausais. Petrópolis: Vozes, 1991.

KUHN, Thomas S. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BARTLETT, Sarah. Astrologia: o guia definitivo do zodíaco. São Paulo: Publifolha, 2006.

Portal
IDEA
.com.br

O Zodíaco e Seus 12 Signos: Estrutura, Elementos e Significados Astrológicos

O zodíaco é um dos pilares fundamentais da astrologia ocidental. Composto por 12 signos, ele é uma faixa imaginária de 360 graus ao redor da Terra, dividida em doze partes iguais de 30 graus cada, por onde o Sol, a Lua e os planetas parecem transitar quando observados da perspectiva terrestre. Mais do que um agrupamento arbitrário de constelações, o zodíaco representa uma linguagem simbólica que reflete arquétipos da experiência humana. Cada signo carrega atributos específicos relacionados à personalidade, aos comportamentos e às energias que compõem a psique.

1. Os 12 Signos do Zodíaco: características gerais

Cada signo do zodíaco possui características simbólicas específicas. Esses traços não devem ser interpretados como deterministas, mas como tendências ou qualidades potenciais. Abaixo, segue uma síntese breve dos 12 signos:

Áries (21/03 a 19/04): impulsivo, corajoso, competitivo, direto. Representa o início, a ação, o pioneirismo.

Touro (20/04 a 20/05): estável, sensorial, determinado, busca segurança. Ligado à matéria, prazer e persistência.

Gêmeos (21/05 a 20/06): comunicativo, versátil, curioso, racional. Associado ao movimento, à informação e à dualidade.

Câncer (21/06 a 22/07): emotivo, protetor, sensível, ligado à família. Representa nutrição, memória e raízes.

Leão (23/07 a 22/08): confiante, expressivo, criativo, orgulhoso. Signo do brilho, da liderança e da individualidade.

Virgem (23/08 a 22/09): analítico, detalhista, prático, crítico. Relacionado ao serviço, à ordem e à saúde.

Libra (23/09 a 22/10): diplomático, estético, indeciso, sociável. Simboliza equilíbrio, justiça e parceria.

Escorpião (23/10 a 21/11): intenso, reservado, transformador, emocionalmente profundo. Rege o mistério e a regeneração.

Sagitário (22/11 a 21/12): expansivo, filosófico, otimista, aventureiro. Alude à busca por sentido e liberdade.

Capricórnio (22/12 a 19/01): ambicioso, disciplinado, estratégico, sério. Foca metas, estrutura e responsabilidade.

Aquário (20/01 a 18/02): inovador, idealista, excêntrico, coletivo. Simboliza progresso, originalidade e rebeldia.

Peixes (19/02 a 20/03): intuitivo, compassivo, sonhador, empático. Está ligado ao inconsciente e à espiritualidade.

2. Elementos: Fogo, Terra, Ar e Água

Os signos são agrupados segundo quatro elementos, que representam as forças arquetípicas da natureza:

Fogo (Áries, Leão, Sagitário): ação, inspiração, entusiasmo e impulso criador. São signos que tendem a ser intensos, motivados e voltados para o futuro.

Terra (Touro, Virgem, Capricórnio): concretude, estabilidade, pragmatismo e persistência. Os signos de Terra são ancorados na realidade e na realização material.

Ar (Gêmeos, Libra, Aquário): intelecto, comunicação, socialização e racionalidade. Os signos de Ar operam no plano das ideias e das relações humanas.

Água (Câncer, Escorpião, Peixes): emoção, sensibilidade, intuição e conexão com o inconsciente. Estes signos vivenciam o mundo por meio das emoções e da empatia.

Cada elemento contém três signos com diferentes formas de expressar sua energia, o que nos leva à divisão pelas modalidades.

3. Modalidades: Cardinal, Fixo e Mutável

As modalidades indicam a forma como a energia do signo se manifesta e reage aos ciclos da vida. São três:

Cardinais (Áries, Câncer, Libra, Capricórnio): iniciadores, proativos e voltados para novos começos. Representam o impulso de ação e mudança. Iniciam as estações do ano.

Fixos (Touro, Leão, Escorpião, Aquário): persistentes, estáveis, resistentes a mudanças. Representam a manutenção, o aprofundamento e a firmeza.

Mutáveis (Gêmeos, Virgem, Sagitário, Peixes): adaptáveis, flexíveis, versáteis. Representam a transição, o fechamento de ciclos e a preparação para novos inícios.

Cada signo, portanto, é resultado da combinação de um elemento e uma modalidade. Por exemplo, Leão é Fogo Fixo, enquanto Virgem é Terra Mutável.

4. Sol, Lua e Ascendente: tripé de identidade

No mapa natal, os três principais pontos de identidade são o signo solar, o signo lunar e o ascendente. Juntos, eles fornecem uma base para a interpretação da personalidade e dos padrões comportamentais.

Signo Solar: corresponde à posição do Sol no momento do nascimento. Representa o ego, a essência, os valores fundamentais e o propósito de vida. É o aspecto mais conhecido pela cultura popular.

Signo Lunar: é determinado pela posição da Lua no momento do nascimento. Reflete o mundo emocional, a forma de sentir e reagir, bem como a memória afetiva e as necessidades básicas.

Ascendente (ou signo ascendente): é o signo que se elevava no horizonte leste no instante do nascimento. Indica a maneira como a pessoa se apresenta ao mundo, sua aparência, estilo de agir e o "filtro" da experiência pessoal.

Esses três signos interagem para formar um retrato mais amplo e complexo do indivíduo. Por exemplo, uma pessoa pode ter o Sol em Câncer (essência sensível), Lua em Áries (emoções impulsivas) e Ascendente em Sagitário (imagem expansiva e otimista).

Considerações finais

O zodíaco é um sistema simbólico profundo e multifacetado. Seus doze signos, organizados por elementos e modalidades, oferecem um arcabouço interpretativo que vai além dos horóscopos populares. Ao incorporar também os posicionamentos do Sol, da Lua e do ascendente, a astrologia propõe uma leitura complexa e rica da personalidade e da vivência humana. Longe de ser um sistema fechado ou determinista, o zodíaco funciona como uma linguagem que convida à reflexão, ao autoconhecimento e ao diálogo com os ciclos da vida.



Referências Bibliográficas

ARROYO, Stephen. Astrologia, Psicologia e os Quatro Elementos. São Paulo: Pensamento, 1991.

SASPORTAS, Howard. As Doze Casas. São Paulo: Pensamento, 1998.

JUNG, Carl Gustav. Sincronicidade: um princípio de conexões acausais. Petrópolis: Vozes, 1991.

GREENE, Liz. Astrologia do Destino. São Paulo: Pensamento, 2007.

BARTLETT, Sarah. Astrologia: o guia definitivo do zodíaco. São Paulo: Publifolha, 2006.

Portal
IDEA
com.br

Planetas na Astrologia: Significados Simbólicos e Funções Arquetípicas

Na astrologia, os planetas representam princípios ativos da psique humana. Cada planeta simboliza uma força ou função universal presente em todos os indivíduos, manifestando-se de maneira única conforme sua posição no mapa natal. Os planetas não são considerados causadores de eventos, mas refletem padrões arquetípicos que operam em sincronia com as experiências de vida. A interpretação astrológica leva em conta a posição de cada planeta nos signos, nas casas e em aspectos com outros planetas, compondo um retrato simbólico da personalidade e das tendências existenciais.

1. Significado simbólico dos planetas

Os planetas, na astrologia, não se limitam a suas propriedades físicas. Eles são vistos como entidades simbólicas que regem áreas específicas da vida e traços psicológicos. Abaixo, segue um resumo dos principais significados astrológicos dos planetas:

Sol: representa o ego, a vontade consciente, a vitalidade e o propósito de vida. É o centro da identidade e a fonte de expressão criativa.

Lua: rege as emoções, a memória afetiva, a segurança interior e a forma como reagimos instintivamente. Também está ligada à infância e ao inconsciente pessoal.

Mercúrio: simboliza a comunicação, o pensamento, o raciocínio lógico e a mobilidade. Relaciona-se à linguagem, ao aprendizado e à troca de informações.

Vênus: está ligada ao amor, à beleza, à sensualidade e aos valores pessoais. Rege relacionamentos afetivos e o prazer estético.

Marte: representa a ação, a iniciativa, o desejo e a assertividade. Está relacionado à energia vital, à coragem e à forma como lidamos com conflitos.

Júpiter: simboliza a expansão, a fé, o crescimento e a busca por sentido. Relaciona-se à filosofia, religião, otimismo e abundância.

Saturno: representa limites, estrutura, responsabilidade e disciplina. Está associado à maturidade, ao tempo, ao esforço e às restrições da realidade.

Urano: rege a inovação, a liberdade, a rebelião e a originalidade. Simboliza mudanças súbitas, rupturas e despertar de consciência.

Netuno: está ligado à espiritualidade, à imaginação, ao idealismo e à dissolução do ego. Simboliza inspiração, ilusão e escapismo.

Plutão: rege a transformação profunda, o poder, a regeneração e o inconsciente coletivo. Está associado a crises, mortes simbólicas e renascimentos psíquicos.

Cada planeta atua como um arquétipo que opera em diferentes esferas da vida, dependendo de sua posição e interações no mapa natal. Juntos, esses símbolos fornecem uma linguagem rica para interpretar padrões psicológicos e existenciais.

2. Classificação: planetas pessoais, sociais e transpessoais

Os planetas são agrupados segundo sua velocidade de translação e seu impacto no desenvolvimento individual e coletivo. Essa divisão ajuda a compreender como diferentes camadas da experiência humana são simbolicamente representadas no mapa astral:

2.1 Planetas pessoais

Sol, Lua, Mercúrio, Vênus e Marte.

Esses planetas se movimentam rapidamente e influenciam aspectos íntimos da personalidade. Refletem o temperamento, os desejos, a forma de pensar, sentir e agir. Como estão mais próximos da Terra, simbolizam funções psíquicas conscientes e instintivas.

2.2 Planetas sociais

Júpiter e Saturno.

Chamados também de planetas geracionais lentos, Júpiter e Saturno conectam o indivíduo à sociedade. Júpiter expande horizontes e busca sabedoria, enquanto Saturno estabelece limites e responsabilidades. Juntos, representam o equilíbrio entre liberdade e estrutura, entre idealismo e realismo.

2.3 Planetas transpessoais (ou coletivos)

Urano, Netuno e Plutão.

Com órbitas extremamente longas, esses planetas permanecem por anos em cada signo, afetando gerações inteiras. São considerados "transpessoais" porque representam processos profundos, inconscientes e coletivos. Agem como catalisadores de transformação, inovação ou dissolução de velhas estruturas.

A influência dos planetas transpessoais no mapa individual é ativada especialmente quando estão em aspecto com planetas pessoais ou ângulos importantes (como ascendente ou meio-do-céu). Sua presença marca fases de grande transição, crises ou despertar de consciência.

3. Influência dos planetas nos signos

Cada planeta, ao transitar por um signo, expressa suas qualidades simbólicas de maneira específica. O signo indica o "como" o planeta se manifesta, enquanto o planeta define o "o quê" está sendo expresso. Por exemplo:

Marte em Áries tende a agir de forma impulsiva, direta e combativa, enquanto Marte em Libra busca harmonia, estratégia e diplomacia.

Vênus em Touro busca estabilidade e prazer sensorial nos relacionamentos, enquanto Vênus em Gêmeos valoriza leveza, comunicação e variedade.

Além disso, os planetas têm domicílios (signos onde se sentem fortes), exílios (onde estão enfraquecidos), exaltações (onde têm expressão elevada) e quedas (onde sua atuação é dificultada). Esses conceitos vêm da astrologia clássica e ajudam a avaliar o potencial de manifestação simbólica dos planetas.

Exemplos:

Sol em Leão (domicílio): expressa liderança, criatividade e vitalidade com potência.

Lua em Capricórnio (queda): pode indicar restrição emocional e dificuldade de acolhimento.

Júpiter em Câncer (exaltação): favorece o cuidado, a generosidade e o crescimento familiar.

A leitura da posição dos planetas nos signos permite uma compreensão detalhada da dinâmica interna do indivíduo. Não se trata de uma análise isolada, mas de um conjunto interconectado que dialoga com casas astrológicas, aspectos planetários e configurações específicas do mapa.

Considerações finais

Na astrologia, os planetas não são corpos celestes estáticos, mas símbolos vivos de funções psíquicas e arquétipos universais. Sua influência varia conforme os signos, as casas e os aspectos que formam entre si. A divisão entre planetas pessoais, sociais e transpessoais reflete diferentes níveis de experiência, desde o temperamento individual até a consciência coletiva.

A astrologia moderna, especialmente a psicológica, vê nos planetas uma linguagem simbólica para o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal. Ao invés de prever fatalidades, busca-se interpretar os movimentos planetários como reflexos de ciclos de crescimento, desafios e potencial de transformação.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Stephen. Astrologia, Psicologia e os Quatro Elementos. São Paulo: Pensamento, 1991.

GREENE, Liz. Astrologia do Destino. São Paulo: Pensamento, 2007.

SASPORTAS, Howard. Os Deuses do Amor: Astrologia e Relacionamentos. São Paulo: Pensamento, 2002.

RUDHYAR, Dane. A Astrologia da Transformação. São Paulo: Pensamento, 1997.

BARTLETT, Sarah. Astrologia: o guia definitivo do zodíaco. São Paulo: Publifolha, 2006.

Portal
IDEA
.com.br